

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Paula Kuhnen Ramos

**PROCESSO DE CONSCIÊNCIA:
COERÊNCIAS E INCOERÊNCIAS NA PRÁTICA EDUCATIVA**

Porto Alegre

2. Semestre

2016

Paula Kuhnen Ramos

**PROCESSO DE CONSCIÊNCIA:
COERÊNCIAS E INCOERÊNCIAS NA PRÁTICA EDUCATIVA**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Carmen Lucia Bezerra Machado

Porto Alegre

2. Semestre

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos que permanecem na LUTA. Aos que continuam, firmes, a defender uma educação pública e de qualidade. Aos que OCUPAM e RESISTEM!

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer aos que fizeram parte dessa caminhada, que compreenderam, apoiaram, incentivaram e guiaram meus passos.

Intertexto

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro

Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário

Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável

Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei

Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.

Bertold Brecht

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre os conceitos de consciência e coerência quando relacionados à prática educativa. Para pensar a consciência, compreendida aqui como processo, utilizei como base os estudos de Mauro Iasi. Já para o conceito de coerência, busquei apoio nos escritos de Paulo Freire, principalmente com a obra *Pedagogia da Autonomia*. O interesse por esta pesquisa teve início em minha experiência de estágio obrigatório do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Através de algumas situações, ocorridas neste período, passei a observar mais atentamente as relações estabelecidas entre discurso e prática dentro de sala de aula. Por isso, iniciei este estudo com o intuito de distinguir como ocorre esta percepção em diferentes professoras egressas do mesmo curso de Pedagogia da UFRGS. Para tomar conhecimento destas questões, realizei entrevistas semi-estruturadas, parcialmente, anexadas ao final do trabalho. Desenvolvi um diálogo entre os teóricos citados anteriormente e as falas das colegas entrevistadas, observando realidades e experiências de forma individual e coletiva. Todas as professoras alcançam este olhar específico e crítico sobre suas coerências e incoerências docentes, destacando a necessidade de uma reflexão autocrítica e a constante disponibilidade para a transformação.

Palavras-chave: Formação docente. Consciência. Coerência. Prática Educativa.

LISTA DE SIGLAS

DAFE – Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FACED – Faculdade de Educação

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 TOMADA DE CONSCIÊNCIA.....	12
3 EM BUSCA DE OUTROS OLHARES.....	15
3.1 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS.....	15
3.2 SELEÇÃO DAS ENTREVISTADAS.....	16
3.3 PRINCÍPIO DO DIÁLOGO.....	18
4 TRILHANDO OS CAMINHOS DA INCOERÊNCIA.....	20
4.1 DAS FORMAS DE CONSCIÊNCIA.....	20
4.2 CONSTRUINDO A COERÊNCIA DOCENTE.....	24
4.2.1 A educação não é neutra.....	25
4.2.2 A constante contradição humana.....	29
4.2.3 Da concepção ao exercício.....	31
5 DIALOGANDO COM AS ENTREVISTADAS.....	34
5.1 PERSPECTIVAS DA CONTRARIEDADE.....	34
5.2 CONSCIÊNCIA DAS INCOERÊNCIAS.....	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE: QUADRO SÍNTESE DAS ENTREVISTAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Ser coerente pode significar, de forma literal (encontrada em diversos dicionários populares), aquilo que está em conformidade, em harmonia. Entretanto, a palavra *coerência* nos remete a dois significados diferentes. Um diz respeito, exclusivamente, à forma escrita, considerando um conjunto de palavras que devem formar um texto coerente; já o outro está ligado à relação existente entre a escrita, a fala e as ações do sujeito enquanto ser social. O primeiro, portanto, diz respeito à coerência textual, já o segundo, do qual trataremos neste trabalho, se refere à coerência na *ação-discurso-prática*, assunto este muito discutido por Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*, um dos livros base para a realização deste estudo.

Para trilharmos este caminho em direção à coerência docente, no entanto, temos que, obrigatoriamente, passar por um primeiro processo: a tomada de consciência. Por isso, precisamos ter inicialmente, a consciência de que a coerência é indispensável à prática educativa. Mas não basta termos conhecimento, apenas, da importância desse processo. Consciência, para Freire (1996), está diretamente relacionada com a palavra *assunção*, que significa ato ou efeito de assumir responsabilidade. A tomada de consciência implica, portanto, em responsabilizar-se pelo conhecimento. Ou seja, saber da necessidade da coerência na prática docente é, automaticamente, responsabilizar-se também por buscar ser coerente na prática educativa¹. Por isso que, como educadora, “[...] uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo” (FREIRE, 1996, p. 94). Apoiada nesse pensamento e dialogando com Mauro Iasi, que concebe

¹ Neste trabalho, entendo por prática educativa, a concepção enunciada por Freire no livro *Pedagogia da Autonomia* de que “[...] não há docência sem discência” e, ao mesmo tempo, quem “ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (1996, p.23). Constitui-se como a possibilidade da reconstrução permanente, considerando a realidade de educandas e educadoras, o visível, a prática educativa. Ela não é uma simples modificação de comportamento, não se separa de acontecimentos do cotidiano e tampouco se demarca em horários para que aconteça o aprendizado; vivenciada por partícipes deste processo, seja em qual for o lugar/espaco/ambiente ou situação/circunstância. É através dela que se concretiza o trabalho docente, vivenciado e verbalizado nas relações que se estabelecem entre educandos e educadores, com a sociedade em que vivem.

consciência de forma mais ampla, como um processo contínuo, trarei a discussão ao longo dos demais capítulos, com o intuito de compreender se e como ocorre essa tomada de consciência em diferentes educadoras, egressas do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Antes, porém, de aprofundarmos os conceitos e as reflexões realizadas acerca do assunto estudado, é indispensável conhecer e compreender a experiência que originou o interesse por essa pesquisa. O presente trabalho surge como reflexão final de minha experiência de estágio obrigatório no curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Experiência essa que também foi meu primeiro contato com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde realizei inúmeros aprendizados e reflexões contínuas a respeito de minha prática docente. Isso porque todas as minhas vivências enquanto docente, até então, haviam se dado na área da educação infantil. Ou seja, esse movimento, além de me retirar da zona de conforto, também me direcionou para experiências completamente diferentes das anteriores, e, principalmente, me possibilitou algo muito importante para a formação docente: a ampliação do olhar crítico sobre a minha prática.

Com o intuito de debater e aprofundar as discussões que cercam a noção de coerência dentro da educação, pretendo apresentar e analisar cinco entrevistas realizadas com professoras formadas recentemente pela UFRGS, no curso de Pedagogia. Essas entrevistas dialogam com teóricos, como Paulo Freire e Mauro Iasi, que apóiam e guiam os estudos dessa pesquisa, no sentido de verificar que temáticas podemos abordar a partir da afirmação de que uma docência coerente é indispensável à prática educativa.

2 TOMADA DE CONSCIÊNCIA

Apresento, nesta parte do trabalho, o contexto dos acontecimentos que me direcionaram para esse estudo, identificando-o como o meu processo de tomada de consciência. Esclareço, de antemão, que entendo a tomada de consciência como a introdução de determinado conhecimento na consciência já existente do sujeito, um dar-se por conta de algo. Concordo, plenamente, com Iasi (1999) quando ele explica que

Falamos em processo de consciência e não apenas consciência porque não a concebemos como uma coisa que possa ser adquirida e que, portanto, antes de sua posse, poderíamos supor um estado de “não consciência”. (IASI, 1999, p.14)

Segundo Iasi (1999), existem diferentes níveis, etapas e/ou formas de se caracterizar a consciência, entendida sempre como processo. Por ser um assunto que demanda aprofundamento e ampla discussão, será tratado novamente mais adiante. Atenho-me, portanto, nesse momento, a relatar o contexto que deu origem a esse trabalho.

Como havia dito anteriormente, a experiência de estágio, realizada também por meio dessa universidade, foi o que me motivou a pesquisar sobre a importância da coerência docente e suas implicações. Realizei esse estágio em uma escola da rede municipal de Porto Alegre, durante o período de um semestre. Como se tratavam de adultos (em maioria), julguei preferível deixar claro, para a turma, meus princípios, minhas intenções, meus objetivos, enfim, minha postura enquanto professora.

Logo nas primeiras semanas de estágio, consegui estabelecer um diálogo aberto e solicitei que, como parte integrante do planejamento de nossas aulas, as/os estudantes monitorassem meu comportamento, observassem criticamente minha fala, minhas abordagens, meu posicionamento, minha postura. Afinal, “[...] todos nós aprendemos e construímos conhecimento em grupo” (FREIRE, 2004, p. 22) e enxergando-nos enquanto grupo, meu intuito era colocá-los nesse lugar de autonomia e

responsabilidade pelos seus próprios processos de aprendizagem, incluindo a avaliação do meu desempenho enquanto educadora.

Mesmo que nem todas e todos as/os estudantes tenham colaborado, a princípio, a proposta gerou resultado. Posicionavam-se sempre que eu passava a discursar e monopolizar o uso da palavra, ou ainda, quando discordavam de minha opinião. Observando, então, a participação crescente das/dos estudantes em minha avaliação, me permiti o esquecimento parcial do meu papel nesse processo: a reflexão autocrítica. E, só fui dar-me por conta dessa problemática quando, por uma grande mudança no quadro de estudantes (devido aos vários avanços² e novas matrículas que ocorreram ao longo das primeiras semanas de aula), notei que, praticamente, ninguém mais me questionava ou contradizia. Esses foram os principais fatores que me levaram a perceber e admitir as incoerências que permeavam meu fazer docente.

Porém, quero deixar claro que não percebi essa situação sozinha em um belo dia de sol ao encarar o céu azul. É de extrema importância falar sobre o que/quem me auxiliou nesse processo de tomada de consciência. Primeiro, o quê: a existência de um terceiro olhar, um olhar propositalmente avaliador. Mas quem? Minha orientadora de estágio. Ela foi quem me fez retornar à reflexão e perceber as minúcias do meu comportamento incoerente. Nesse ponto, aliás, gostaria de destacar que, até aquele momento, só havia trabalhado com a docência compartilhada. E a docência compartilhada nos permite esse constante puxar de orelhas, já que a reflexão ocorre de perspectivas diferentes. Em seu trabalho de conclusão de curso, realizado no último semestre, a colega Rosângela de Oliveira (2016) apresenta um apanhado desse olhar específico sobre a prática docente compartilhada, expondo falas de colegas e de sua própria experiência com esse movimento. Sua pesquisa nos auxilia a compreender como ocorre essa docência e por que ela auxilia no processo de reflexão individual. Se existe alguma dica que eu possa fornecer, antes de qualquer debate, para auxiliar nessa busca pela coerência, é esta: sempre que possível, trabalhe com a docência compartilhada.

² Avançar é a palavra utilizada, principalmente na EJA, para descrever o processo de troca de turma e/ou nível de ensino.

Assim que minha atenção voltou-se novamente para o modo como estava agindo perante a turma, fui encontrando alternativas que me auxiliassem no processo de retomada da coerência. Realizei, novamente, a leitura da obra de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, onde ele nos apresenta um conjunto de informações indispensáveis ao educador e à educadora progressista. Obviamente, minha mudança de postura foi a primeira atitude a ser tomada, seguida da prática de conversas informais com estudantes ao final das aulas, buscando receber um *feedback*³ parcialmente avaliativo (digo parcialmente, pois a turma, infelizmente, ainda não se sentia à vontade para me criticar com intensidade).

Foi então, nesse momento, que a necessidade da coerência docente se destacou dentre tantos outros assuntos que discuti e estudei ao longo de minha caminhada acadêmica. A partir disso, resolvi aprofundar os conhecimentos e leituras a respeito da consciência e da coerência quando ligados à educação. Por isso, todo o restante do trabalho surge com o intuito de compreender de que forma esse processo de tomada de consciência e busca pela coerência docente ocorre em determinado grupo de professoras formadas pela UFRGS recentemente, contextualizando as vivências e demais questões que surgiram em paralelo com a pesquisa.

³ *Feedback* – expressão da língua inglesa utilizada para significar uma reação, ‘dar resposta’, ‘realizar parecer’, ‘retornar’ ou ‘dar retorno’.

3 EM BUSCA DE OUTROS OLHARES

Meu foco de pesquisa está ligado à experiência individual, a perspectivas e visões de mundo. Sendo assim, de forma alguma minha pesquisa poderia ser quantitativa, investigando, por exemplo, quantas professoras se comportam de maneira 'x' ou 'y' perante a questão da coerência. Não há como generalizar ou padronizar comportamentos e reações. Buscando, então, uma investigação qualitativa, que, conseqüentemente, me coloque em contato com as pessoas escolhidas para o estudo, optei pela realização de entrevistas. Entrevistas essas, guiadas por roteiro semi-estruturado, possibilitando a existência de um diálogo flexível, porém direcionado à minha problemática.

3.1 ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Escolhi trabalhar com entrevistas por compreender que nelas, “[...] a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33). E, se tratando de pesquisa em educação, nada mais adequado que trabalhar com esse compartilhamento de saberes e conhecimentos entre duas ou mais pessoas. Para manter, então, a flexibilidade exigida na educação, não poderia escolher outro formato que não o da entrevista semi-estruturada. Triviños entende por entrevista semi-estruturada

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146)

Por isso, afirmo que as pessoas entrevistadas nesse trabalho possuem grande e significativa participação nas discussões que serão apresentadas.

Observando que esse estudo visa a analisar a percepção da coerência em diferentes indivíduos, será por meio das entrevistas, principalmente, que pretendo alcançar essa questão. Elucido, ainda, que para garantir a reflexão acerca de suas coerências e incoerências, não informei, anteriormente, aos entrevistados, o foco de minha pesquisa. Para finalizar, considerando que Triviños (1987) afirma como ideal estabelecer de duas a cinco questões base, desenvolvi as três que seguem:

1. Qual sua concepção de educação? Como define ensinar e aprender? Quais são seus princípios enquanto educadora?
2. Você poderia descrever momentos ou atividades em que seus princípios e/ou crenças tenham ocorrido? Esclareça.
3. Como você se enxerga enquanto professora perante suas convicções pedagógicas? Você enxerga coerência entre o que você fala, escreve e faz enquanto professora dentro de sala de aula?

3.2 SELEÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Para a realização das entrevistas, meu primeiro passo foi fazer um recorte de possíveis entrevistadas. Analisando sua disponibilidade, envolvimento político e desejo em fazer parte desse estudo. Esclareço, de antemão, que optei por entrevistar apenas, e exclusivamente, mulheres. Primeiro, pelo fato do curso de Pedagogia se caracterizar como um curso, majoritariamente, freqüentado por mulheres. Segundo, por valorizar minha própria caminhada enquanto discente e participante do movimento feminista, visualizando a desvalorização do curso e da profissão, por serem identificadas como atividades femininas. E, por último, por buscar destacar algumas das diversas mulheres que realizaram essa caminhada ao meu lado, enfrentando, cada uma, suas próprias lutas dentro da universidade. Mulheres estudantes e

trabalhadoras, estudantes e mães, estudantes e militantes, estudantes e professoras.

Além da questão de gênero enquanto identidade, também foram várias as questões que surgiram para se considerar nessa primeira seleção. Após reflexões e conversas com colegas de profissão, incluindo minha orientadora, optei por entrevistar professoras recentemente formadas pela UFRGS no curso de Pedagogia e que estivessem, no momento, atuando em sala de aula. Esses dois critérios foram determinados por diferentes razões: escolhi colegas recém formadas por ter contato, ainda, com grande parte delas, e facilidade de acesso às suas rotinas. Já o outro critério estava praticamente intrínseco a qualquer seleção, levando em conta que minha pesquisa diz respeito à coerência na experiência docente.

Definidos os critérios, passei a enviar mensagens (através do celular e das redes sociais) para aquelas colegas que eu sabia que estavam atuando como docentes no momento. Entrei em contato com oito mulheres e aguardei por suas respostas, considerando que desejava um número máximo de seis entrevistadas. Foram seis respostas e cinco entrevistadas, pois uma das professoras tinha dificuldades em disponibilizar um horário. Todas as entrevistas foram realizadas ao longo de duas semanas em diferentes espaços pertencentes ao Campus Central da universidade. As entrevistas foram gravadas, apenas em áudio, e posteriormente escutadas, analisadas e transcritas, de forma parcial. Preferi não transcrevê-las integralmente por dois motivos: algumas ficaram muito longas e consumiriam muitas horas de trabalho 'não desenvolvido', ainda cru, como afirmam Ludke e André (1986); e devido à restrição no número de páginas, essas não poderiam ser anexadas integralmente ao trabalho. Por isso, incorporei trechos das falas das professoras ao final desse estudo, como apêndice.

3.3 PRINCÍPIO DO DIÁLOGO

Considerando que meu papel como entrevistadora é “[...] garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 35), pedi às professoras que escolhessem o local de nossa conversa. Ao encontrar, então, as entrevistadas, antes de iniciar os questionamentos, expliquei apenas que minha temática envolvia a formação de professoras. Como disse anteriormente, minha intenção era fazer com que essas mulheres refletissem sobre seus próprios processos de coerência no decorrer da entrevista. Inicialmente, todas se identificaram, falando apenas seu nome e data de conclusão do curso. Em seguida, iniciei as entrevistas guiadas pelas três questões escolhidas. Todas as conversas foram conduzidas pelas falas das professoras, fazendo com que cada uma delas tivesse um tempo e direcionamento específico.

Apresento aqui, um quadro com a relação de nomes e datas de conclusão de curso de cada entrevistada. Atentando para o fato de que todos os nomes são fictícios, mantendo, assim, privadas as reais identidades de cada uma.

NOMES FICTÍCIOS	ANO/SEM. DE CONCLUSÃO DE CURSO
Professora Luane	2016/1
Professora Ana	2016/1
Professora Lorelai	2014/1
Professora Kendra	2016/1
Professora Estrela	2016/1

É interessante enfatizar que todos os nomes acima relacionados foram escolhidos pelas próprias entrevistadas, o que trás um caráter pessoal ao processo, destacando suas identidades. Tendo a metodologia definida, parto

agora para a análise das pesquisas realizadas e das entrevistas, estabelecendo um diálogo entre Freire, Iasi e as professoras.

4 TRILHANDO OS CAMINHOS DA INCOERÊNCIA

Busco agora, na parte que acredito ser mais extensa do trabalho, apresentar um diálogo entre as minhas concepções de educação, relacionadas à coerência docente, e às leituras e entrevistas que configuram a base de pesquisa desse estudo. Portanto, nos capítulos que seguem, as discussões se darão em torno de ampliar e debater os seguintes conceitos: consciência, coerência e contradição.

4.1 DAS FORMAS DE CONSCIÊNCIA

Refiro-me à consciência compreendendo a amplitude deste conceito e ponderando as diferentes relações que o mesmo pode abranger. Consciência é uma palavra que pode ser abordada em diversas áreas do conhecimento, considerando que diz respeito ao ser humano e sua essência. Porém, como seres semelhantes e, ao mesmo tempo, diferentes que somos, cada sujeito compreende e interpreta determinadas palavras de maneira específica, segundo seu ponto de vista. Essa, aliás, é uma das mais belas e intrigantes características de se viver em sociedade: poder compartilhar de diferentes visões de mundo. Por isso mesmo, é de extrema importância elucidar que a base de minha concepção de consciência está contida nos estudos que Mauro Iasi realiza, apoiado, principalmente, em Marx, Gramsci e Lukács.

Iasi afirma que a consciência deve ser observada como um processo, sem que se julgue um estado inicial de não consciência ou, ainda, outro final em que exista uma consciência plena. Por isso mesmo, seus escritos apontam que existem diferentes níveis de consciência e que só nos movemos para outra forma quando vencemos a contradição da forma na qual nos encontrávamos. Entretanto, “o processo de consciência não é linear, pode e muitas vezes regride até etapas anteriores” (IASI, 1999, p. 39). Vejamos como o autor os identifica.

A forma inicial de consciência, visualizada de maneira mais nítida na primeira infância, é aquela em que realizamos uma representação mental da realidade concreta (IASI, 1999). Como sintetiza Iasi, não é nada mais que “[...] uma realidade externa que se interioriza” (IASI, 1999, p. 17). Porém, a visão interiorizada não passa de um recorte absorvido como interpretação para compreender o todo. A criança toma para si as crenças e comportamentos dos que a cercam (em maioria seus familiares) e transforma isso em uma verdade absoluta e inquestionável. Nossas certezas passam a ser questionadas, apenas, quando voltamos nosso olhar para as outras partes desse todo. E, principalmente, quando nos deparamos com a contradição que questiona as nossas verdades, como nesta situação hipotética descrita por Iasi:

Alguém, por exemplo, que acreditasse que trabalhando consegue-se tudo o que se quer, mas passa a viver uma situação aonde, apesar de trabalhar muito, não consegue o mínimo para viver, vivencia uma contradição que pode levá-lo à revolta. As relações atuais passam a não corresponder ao valor interiorizado, mas antes de fazer saltar toda a concepção de mundo, esta percepção é vivida como um conflito subjetivo, individual, que é compreendido tendo por base a própria estrutura da primeira forma da consciência. (IASI, 1999, p. 32)

Partindo desse ponto, então, o sujeito, ainda refletindo de forma individual, mas agora em contato com a sociedade, se percebe enquanto parte integrante de um sistema que não funciona, exclusivamente, de acordo com sua percepção do mundo. De passivo e acomodado dentro de suas certezas absolutas, o indivíduo caminha em direção à reflexão e à revolta com relação àquilo que percebe injusto. Nesse ponto, surge a segunda forma de consciência, onde o sujeito transgride a alienação, que caracterizava a primeira. Essa segunda forma de consciência se concretiza pelo movimento do ‘eu’ para o ‘nós’, na identificação do indivíduo enquanto parte de um grupo, de uma classe. E é aí que “a ação coletiva coloca as relações vividas num novo patamar. Vislumbra-se a possibilidade de não apenas revoltar-se contra as relações pré-determinadas, mas de alterá-las” (IASI, 1999, p. 34).

Gostaria de relatar o depoimento de uma das entrevistadas que exemplifica, nitidamente, como pode ocorrer esse movimento. A professora

Estrela, que é uma mulher negra (a informação tem relevância), contou, durante nossa conversa, que não se enxergava como tal. Ela afirma, ainda, que só passou a se perceber enquanto mulher negra quando essa universidade, racista (já que faz parte de uma sociedade também racista), a impôs este papel através de determinadas situações. Embora a consciência de sua negritude tenha se dado em função do preconceito sofrido dentro da universidade, Estrela dedica a pessoa que é hoje à UFRGS. Afinal, atualmente, uma questão indispensável em seu currículo, como professora, são os estudos de história e cultura africana e afro-descente. Essa situação mostra de que maneira pode ocorrer esse movimento, da passividade à ação.

Freire nos diz que “seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença” (FREIRE, 1996, p. 53). Ou seja, conceber que fazemos parte da sociedade é, então, assumir responsabilidade por essa participação. Por isso, ao transgredirmos nossa forma de consciência, transgredimos, também, nossas atitudes perante a sociedade. Observemos, agora, outra situação apresentada por Iasi:

Uma mulher, por exemplo, submetida a condições de opressão em casa, condenada aos trabalhos domésticos e ao cuidado dos filhos, pode viver isto a vida toda como natural, portanto para ela, inevitável. Mesmo o desmoronar da idealização na família diante das condições reais do cotidiano, pode gerar no máximo a revolta, a constatação de uma terrível "sina". No entanto esta mesma mulher, num grupo onde possa ver em outras companheiras a mesma sina, julgada somente sua, só sua, pode começar a desenvolver uma ação contra o que considera injusto. (IASI, 1999, p. 34)

Nesse caso, podemos perceber a mesma situação vivida pela colega entrevistada: uma pessoa que, em contato com semelhantes, se percebe, enquanto indivíduo pertencente a um grupo, sofrendo determinada forma de injustiça. Porém, questiono: percebendo sua situação a partir do convívio em grupo, essa mulher ou a professora Estrela poderiam colocar um fim a esses acontecimentos agindo sozinhas? Sendo situações que tocam um grupo não seria necessário que o grupo tomasse uma atitude? Sim. E aí encontramos a próxima forma de consciência: a consciência revolucionária. É necessário que,

individualmente, toda a classe perceba a injustiça para que, no coletivo, uma ação possa ser planejada. Segundo Iasi:

Na passagem da consciência em si para a consciência revolucionária, ou para si, abre-se uma importante contradição. Apesar das alterações da consciência só poderem ser vivenciadas em nível individual, o processo de transformação que irá realizá-la é necessariamente social, envolvendo mais que a ação individual, a de classe. (IASI, 1999, p. 42)

A consciência revolucionária se caracteriza, justamente, pela percepção de que sozinho o indivíduo nada pode, nada transforma. Seguindo, então, essa linha de raciocínio, trago outro relato das entrevistas. A professora Lorelai construiu, ao longo de sua caminhada acadêmica, princípios que envolvem o trabalho da autonomia e da democracia, bem como a desconstrução de estereótipos de gênero. Porém, dentro da escola em que ela trabalha atualmente, suas ações são limitadas pela falta de adesão das colegas de profissão a esse mesmo pensamento. Esse fato ocorre porque as outras professoras não possuem a mesma concepção de Lorelai, ou, pior, elas concordam, mas nada fazem a respeito. Dessa maneira, elas permanecem na segunda forma de consciência.

Mas como é possível permanecer ou retornar à segunda forma? Quando compreendemos que uma única pessoa não altera a sociedade sozinha, encontramos duas opções: ou unimos forças com nossos semelhantes, caminhando para a consciência revolucionária; ou permanecemos no fatalismo, estagnando nossa ação com afirmações como 'nada mudará', 'as coisas sempre foram assim'. E é essa dificuldade, essa incoerência, que não depende apenas da professora Lorelai, por exemplo, que dificulta a mudança, a alteração daquele espaço-situação. Sobre essa questão Iasi, nos diz que:

Os seres humanos fazem sua própria história, mas não a fazem da forma como querem, pois agem sob circunstâncias que estão dadas pelo desenvolvimento histórico anterior. A contradição entre a intenção subjetiva e a materialidade na qual esta vontade terá que agir, explode no indivíduo isolado como algo que parece intransponível. O problema é que para a tarefa em questão, e em se tratando de indivíduos isolados, na verdade trata-se de uma barreira intransponível. (IASI, 1999, p. 45)

Por último, Iasi afirma que uma nova consciência só será possível com a modificação total de nossa sociedade atual, que é capitalista e patriarcal. Afinal, mesmo fazendo parte de um grupo de indivíduos, existem limites que não conseguimos ultrapassar enquanto a forma de funcionamento da sociedade não for, também, alterada. O autor também cita a tomada de consciência, compreendida como um amadurecimento da consciência já existente. A tomada de consciência, porém, não se trata de um acontecimento isolado, que ocorre em tal dia e horário, mas constitui, também, um processo que envolve determinado assunto ou conhecimento. Para Freire, a palavra consciência significa assumir responsabilidade, como dito anteriormente, por isso, ele discute intensamente a questão do pensar certo, afirmando que “pensar certo é fazer certo” (FREIRE, 1996, p. 35). Ambos os autores citados compreendem a tomada de consciência como um refletir e agir sobre determinado conhecimento, no caso desse trabalho, a questão da coerência.

4.2 CONSTRUINDO A COERÊNCIA DOCENTE

Agora que já explanei minhas idéias e concepções a respeito do processo que constitui a consciência e a tomada de consciência, encaminho minha escrita em direção à tomada de consciência da coerência e incoerência docente. Compreendendo a coerência, claro, como item indispensável ao cotidiano da sala de aula. Nos trechos que seguem, apresentarei minhas concepções a respeito da educação, do *ser professora* e da importância da coerência, não só no exercício da profissão docente, mas principalmente nela, já que é o foco da pesquisa.

4.2.1 A educação não é neutra

Ao pensar sobre o verbo educar, é importante perceber que esse verbo carrega vários outros em sua significação. Falar; ouvir; olhar; conhecer; buscar; refletir; estimular; compreender; questionar. E esses são apenas alguns deles. A educação deve ser compreendida de maneira ampla, como sendo responsabilidade não apenas da família, da escola, ou das professoras e professores, mas sim de todas e todos que passam pela vida da criança (assim como de adolescentes e adultos). Portanto, a educação do sujeito ocorre através de uma série de escolhas, opções, caminhos a se seguir ou não, constituindo-se, então, como um ato político. Política, nada mais é do que optar, decidir, refletir e lutar por determinadas crenças, convicções ou situações. Partindo desse pensamento, posso afirmar que ambas, educação e política, permeiam a formação de todo indivíduo, não podendo uma existir sem a outra.

Por exemplo, ao determinar que, eu Paula, vou ensinar esse ou aquele conteúdo, desta ou daquela maneira, assumo a educação como uma relação de escolhas históricas e políticas. Por isso, é cruel afirmar a neutralidade (impossível) da educação. Não há como se educar indivíduos de forma neutra, sem expor opiniões, pensamentos ou posições a respeito do que se fala. Nós, professoras e professores, não somos robôs programados para inserir conhecimento nas cabeças vazias de nossas educandas e educandos. Todos possuem suas experiências e conhecimentos, e cabe à professora ou ao professor estabelecer diálogo para que se permita construir outros saberes dentro do espaço escolar. Sobre esta relação, entre educação e política, Paulo Freire nos diz que:

A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política. Quem pensa assim, quem afirma que é por obra deste ou daquele educador, mais ativista que outra coisa, que a educação vira política, não pode esconder a forma depreciativa como entende a política. (FREIRE, 1996, p. 108)

Tampouco pode esconder a concepção limitada de educação. As pessoas se acostumaram a relacionar, de maneira direta, política com partidos e bandeiras. Como bem colocou Freire, essa nada mais é, que uma maneira depreciativa de se compreender a política, uma maneira limitada. Atualmente, inclusive, a educação vem travando batalha intensa contra indivíduos que insistem em afirmar que a escola tornou-se doutrinadora de ideias ao permitir a entrada dessa política nas salas de aula. O projeto de lei⁴, muito oportunistamente intitulado *Escola sem Partido* busca justamente, convencer a população da necessidade de uma educação neutra. Digo mais, da existência da possibilidade desta neutralidade, Freire nos chama atenção ao dizer

[...] que nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação. Desse ponto de vista, que é reacionário, o espaço pedagógico, neutro por excelência, é aquele em que se *treinam* os alunos para práticas apolíticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra” (FREIRE, 1996, p. 95-96)

O dito projeto, apelidado por movimentos contrários como *Escola da Mordaça*, existe desde 2003 e já foi aprovado em dois Estados e vários municípios, o que causa preocupação. O projeto afirma que professores revolucionários e progressistas estão a doutrinarem as/os estudantes segundo práticas marxistas culturais, incitando o comunismo nas escolas. Aparentemente, trata-se de um projeto maravilhoso, que defende a liberdade de crenças das/dos estudantes, acaba com a doutrinação ideológica (política, de etnia e de gênero) e ‘fiscaliza’ professores que se aproveitam da tal ‘audiência cativa dos estudantes’ (como se esses fossem as tais tabulas rasas platônicas, onde inserimos ideias e pensamentos).

Porém, a aprovação de tal projeto faria com que, na verdade (leia-se minha verdade, já que não existem verdades universais e absolutas), a democracia e o pensamento crítico fossem excluídos do espaço escolar, já que os professores poderiam ser denunciados (anonimamente) por demonstrarem

⁴ PROJETO DE LEI DO SENADO – PLS nº 193, de 2016, de autoria do Senador Magno Malta, disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125666>

suas opiniões em sala de aula. Não podendo combater as mais perversas formas de racismo, preconceitos religiosos e de gênero, já que não poderiam ferir as crenças das famílias, nossas crianças, então, seriam educadas dentro de um sistema assumidamente preconceituoso, reprodutor de desigualdades, desrespeitando as diferenças. Em suma, a educação brasileira sofreria o maior retrocesso das últimas décadas, ou da história. Para combater esse projeto de lei, conscientizando a população, nasceu o já crescente movimento *Escola sem Mordança*⁵.

Por isso, devemos permanecer na luta contra tais absurdos, mantendo a coerência com nosso papel de educadores progressistas. Falar de extinguir partidos (entendidos aqui como política) das escolas já é uma opção política. Percebendo que toda opção é política, enxergamos os reais interesses por trás de tal projeto. Seus dois grandes pontos são: impedir a propagação das ideologias ditas de esquerda, e dar fim ao que chamam de 'ideologia de gênero'. Essa, os defensores do projeto não admitem, mas nada mais é do que uma invenção de suas mentes elitistas. Afinal, o que defendemos nas escolas é a desconstrução de estereótipos de gênero, pois, assim como a professora Lorelai, acredito que temos de problematizar brinquedos, vestimentas e cores que são, cotidianamente, associadas a meninos ou meninas. Essa é uma luta para que as crianças possam brincar com qualquer brinquedo, pintar com qualquer cor; para que meninas não sejam vistas e educadas para serem submissas, excessivamente vaidosas e dependentes; para que meninos não sejam proibidos de expressarem suas emoções e aprendam a respeitar as meninas, enxergando-as como seres tão inteligentes e capazes quanto eles. Mas, os defensores desse projeto acreditam que nosso real intuito é apresentar às crianças a possibilidade de escolherem sua opção sexual, tendendo à homossexualidade, já que compreendem a orientação sexual como uma escolha, uma opção pela rebeldia. Devemos permanecer atentos a projetos como esse, que aparentam encerrar ideologias. Como nos diz Freire:

⁵ Consulta ao portal GOOGLE informa que existem aproximadamente 282.000, resultados obtidos em 0,49 segundos para o tema: Escola sem mordança. Disponível em <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=escola%20sem%20morda%C3%A7a>

É exatamente por causa de tudo isso que, como professor, devo estar advertido do poder do discurso ideológico, começando pelo que proclama a *morte* das ideologias. Na verdade, só ideologicamente posso matar as ideologias, mas é possível que não perceba a natureza ideológica do discurso que fala de sua morte. (FREIRE, 1996, p. 129)

Relacionando agora, essas questões com as entrevistas realizadas, cito a professora Luane. Em nossa conversa, ela relatou como princípio fundamental de sua prática a promoção da formação crítica das/dos estudantes, chamando atenção para a importância de desenvolver a capacidade dos alunos de questionar o que está dado como certo pela sociedade. Afinal, o que é certo hoje, pode não ser amanhã. A fala de Luane surge de forma contrária ao projeto citado anteriormente. Ela enxerga a educação como ferramenta para a reflexão e a liberdade de pensamento. É um direito, garantido pela constituição, a liberdade de expressão, por exemplo. E cabe a nós, professoras e professores, fazer com que as/os estudantes tenham conhecimento de seus deveres e direitos, capacitando-os para exercê-los, como cidadãos que são.

A educação, portanto, deve ser um processo essencialmente crítico e político. Se todos aceitam as regras, as normas e as decisões sem questionamento, deixam de ser parte atuante da sociedade, deixam de exercer seus papéis de cidadãos. No caso dessas escolas 'sem partido', estudantes não teriam voz além da voz do princípio da delação anônima. Professoras e professores seriam vigiados e o ambiente produtor de conhecimento, ambiente laico e democrático que nossa constituição e a LDB tanto defendem, seria extinto. E nada poderia ser feito, afinal, defender seu ponto de vista ou expô-lo seria doutrinação. Para finalizar (temporariamente) essa discussão, coloco a seguinte reflexão: quais são os motivos que nos levam a crer que uma padronização do ensino seria a melhor opção para a formação das crianças e dos jovens em um país tão diverso quanto o Brasil? Ou ainda, enquanto professores, seria possível que trabalhássemos apenas os conteúdos presentes nos livros didáticos sem problematizá-los de forma alguma?

Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? “Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.” (FREIRE, 1996, p.32)

4.2.2 A constante contradição humana

Paulo Freire define coerência como sendo a *corporificação da palavra pelo exemplo*, e é nessa idéia que apoio minha compreensão da palavra coerência. Como argumentei anteriormente, toda educação é política, construída por opções e escolhas que direcionam a prática docente. Por isso mesmo

A questão da coerência entre a opção proclamada e a prática é uma das exigências que educadores críticos se fazem a si mesmos. É que sabem muito bem que não é o discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso” (FREIRE, 1989, p. 16)

Quando lemos *educadores críticos*, temos de compreender que aí se insere uma palavra não colocada que amplia a compreensão para *educadores auto-críticos*. Essa é a tarefa educadora mais difícil e complexa, a meu ver: refletir sobre a própria prática de maneira crítica, observando falas e atitudes, dispondo-se à mudança. Não podemos permitir que nossas idéias sejam impostas à turma de maneira a nos tornarmos os tais doutrinadores que o projeto, citado no item anterior, afirma existirem. A educadora e o educador devem estar em constante movimento, apercebendo-se enquanto parte integrante do processo de aprendizagem, nunca dominante. Devemos ter ciência de que “o erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer, que mesmo do acerto de seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele” (FREIRE, 1996, p. 16).

Ou seja, se sou uma professora declaradamente progressista, que luta e defende a democracia, tenho de saber que “tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que

escrevo e o que faço” (FREIRE, 1996, p. 101). Nesse ponto a/o docente encontra uma grande barreira, existente na vida de todo ser humano: a contradição. A contrariedade é constante na vida humana. É quase impossível que sejamos total e completamente coerentes com nossas crenças, falas e pensamentos. Hoje afirmamos que o ovo é prejudicial à saúde e deixamos de comê-lo, então amanhã algum cientista descobrirá seus benefícios, novamente, e voltaremos a consumir ovos. Assim é nossa sociedade, o que antes era proibido, hoje é lícito. Estamos em constante modificação.

Uma das maiores dificuldades de se manter a coerência, é o fato de nossas crenças irem contra aquilo que já está determinado. Por exemplo, a professora Kendra relatou que, em seu estágio obrigatório do curso, prezava imensamente pela interdisciplinaridade. Sendo assim, organizou seu planejamento com atividades que unissem o ensino da Matemática ao ensino da Língua Portuguesa. Porém, quando o apresentou à professora titular da turma, ela não aceitou, exigia que Kendra delimitasse quais atividades correspondiam a cada disciplina. Felizmente, a professora Kendra conseguiu esclarecer sua intenção e explicar cada atividade para a professora titular, que então, aceitou o plano de aula. Mas, em todas as escolas, encontramos barreiras que nos amarram, que nos limitam e nos levam à incoerência. Por isso mesmo que Freire nos apresenta a ideia de que professoras e professores ditos conservadores tendem a manter mais facilmente a coerência. Afinal, sua tarefa é apenas a de manter as coisas exatamente como estão colocadas em nossa sociedade, tradicionalmente conservadora. Sobre essa dificuldade, Freire ainda diz que

Nem sempre, infelizmente, muitos de nós, educadoras e educadores que proclamamos uma opção democrática, temos uma prática em coerência com o nosso discurso avançado. Daí que o nosso discurso, incoerente com a nossa prática, vire puro palavreado. Daí que, muitas vezes, as nossas palavras “inflamadas”, porém contraditadas por nossa prática autoritária, entrem por um ouvido e saiam pelo outro - os ouvidos das massas populares, cansadas, neste país, do descaso e do desrespeito com que há quatrocentos e oitenta anos vêm sendo tratadas pelo arbítrio e pela arrogância dos poderosos. (FREIRE, 1989, p. 16)

Esse é um dos motivos pelo qual a educação não evolui em seu formato, e as classes mais pobres da sociedade continuam presas à sua realidade. Temos dificuldade em estabelecer um diálogo com a periferia, deixamos que o debate (que pertence mais a ela, periferia, que a nós) permaneça puramente acadêmico, contido dentro dos portões da universidade. Justo nós, professores revolucionários que defendem a educação pública e de qualidade. Por que tamanha dificuldade de agir de acordo com as ideias que proclamamos se é, exatamente isso, que nos afasta da coerência? Porque coerência não é, por exemplo, apenas afirmar que defendo uma educação popular e me posicionar favorável a isso em um debate ou conversa informal. É, principalmente, agir para que essa educação se concretize, ir às ruas e brigar por essas ideias.

E é por 'dar trabalho' que a coerência é tão complexa, tão difícil. Ela exige reflexão autocrítica e ação sobre essa reflexão, exige esse movimento constante de perseguição da mudança. Por isso, mais importante que compreender a necessidade da coerência docente, é reconhecer em si próprio a incoerência que existe. Somente professoras e professores que se reconhecem incoerentes podem buscar a coerência, pois saberão onde a mudança é necessária, e ela o é.

4.2.3 Da Concepção ao Exercício

Até esse ponto do texto, expus algumas questões demonstrando que, para pensarmos a coerência é preciso, antes de qualquer coisa, definir nossa concepção de educação, nossos princípios e objetivos enquanto docentes. Estabelecidas essas demandas podemos passar a refletir sobre planejamento, atividades e avaliações. Constituindo-nos enquanto educadores. Estando (atuante) em sala de aula, então, poderemos refletir sobre a coerência que possuímos ou não em nossa prática. Como dito anteriormente, só a professora que se observa criticamente, enxergando sua incoerência, poderá buscar e lutar pela coerência em sua prática. Agora, sobre esse reconhecimento da

incoerência em si, trago alguns exemplos de caminhada construídos no diálogo com as entrevistadas.

Primeiro, coloco a situação da professora Ana, que relatou imensa frustração e angústia ao ingressar na escola com diversas ideias progressistas e se deparar com uma escola tradicional. Inicialmente, ela teve dificuldade de visualizar caminhos para se manter firme em suas ideias, já que não recebemos muitos exemplos práticos na faculdade. Percebeu-se, então, em situações onde agia contrária às suas crenças. Em dado momento, a professora declarou ter dificuldade em 'dominar' a turma (que é muito agitada) durante as atividades. Sem saber como agir, acabava solucionando o 'problema' de maneira tradicional, negociando minutos de intervalo, por exemplo. Esses pequenos momentos e atitudes que tomava, sob pressão, acabavam deixando sua mente em conflito, fazendo-a repensar sua prática. Para a professora Ana, a melhor solução é a troca. Ela conversa com colegas da escola em que trabalha e busca dialogar com outras professoras que trabalham com turmas na mesma faixa etária que a dela para verificar exemplos de atividades, recursos e atitudes que possam ajudar com a sua turma.

São muitas as professoras que, recém chegadas à escola, se deparam com dificuldades para realizar atividades e, sem saber para que lado direcionar sua prática, elas acabam recorrendo ao tradicional. Mas será que são totalmente ruins essas atividades e práticas? Será que realizar o diferente apenas por ser o diferente não pode ser ainda pior? Outra entrevistada nos auxilia a refletir sobre essa questão, a professora Kendra.

A professora Kendra é extremamente engajada politicamente e sempre foi ativa dentro da universidade. Sua militância tem longa caminhada e seus princípios demonstram a firmeza de suas ideias. Porém, ela também afirmou que realiza algumas atividades tidas como tradicionais. Sua opinião é de que sempre devemos refletir, inclusive sobre nosso excesso de 'aversão' ao tradicional, que pode ser útil para determinada turma. Cada classe é uma classe, por isso, não existem receitas quando falamos de educação. Iasi nos diz que, quando amadurece sua consciência "o indivíduo está apto a aceitar a

realidade, assumindo sua impotência diante de relações estabelecidas e pré-determinadas. Por isso, o indivíduo que se torna consciente é, antes de tudo, um novo indivíduo em conflito” (IASI, 1999, p. 43-44). Temos de manter o olhar crítico, não só sobre nossa prática, mas sobre nossas concepções também, mantendo-nos em constante movimento e transformação.

Inclusive, a professora Luane nos trás uma reflexão muito importante a esse respeito: lembra-nos da fala de Freire sobre o perigo de estarmos demasiado certo de nossas certezas, de nos acomodarmos em nossas verdades absolutas e universais, retornando à primeira forma de consciência que Iasi nos apresenta. Por isso, é de extrema importância que possamos praticar o movimento de reflexão-ação-reflexão. Onde, inicialmente, refletimos sobre nossa concepção, o que acreditamos ou não com relação à educação. Então, agimos. Vamos para a sala de aula e tentamos manter essas ideias, agora na prática. Depois, de acordo com as situações que ocorrem, passamos a refletir, não apenas sobre nossas ações, mas também sobre nossas crenças, nossas opiniões e posicionamentos. Temos de manter o questionamento constante, realizando mudanças em nossas atitudes, mas também, no campo das ideias.

A coerência é, portanto, um constante aprendizado, um manter-se em movimento. Criar laços diretos entre o pensar, o falar e o agir, construindo um círculo de reflexões que nos leva a uma eterna mudança. Assim como não existem indivíduos totalmente coerentes, não existem professoras ou professores totalmente coerentes. Mas, existem aqueles que possuem tamanha incoerência, que acabam transformando-se em docentes hipócritas, nada mais. Criar laços diretos entre o pensar, o falar e o agir, construindo um círculo de reflexões, é o que nos leva a uma eterna mudança. Como a utopia, a coerência é uma busca, é inalcançável, e como a consciência não pode existir solitariamente, é coletiva.

5 DIALOGANDO COM AS ENTREVISTADAS

A questão central do meu estudo surgiu com o intuito de observar e analisar as diferentes visões que estudantes egressos do curso de Pedagogia da UFRGS possuem acerca da coerência na relação discurso-prática, sua importância e o processo de construção pessoal que cada um desenvolve para mantê-la. Por isso, trilhei esse caminho de definição e apropriação de conceitos, dialogando as ideias e pensamentos que construí ao longo de minha caminhada discente-docente com a interpretação dos autores estudados e das falas das colegas entrevistadas. Ao tratar dessa análise triangular de dados que ocorre em pesquisas qualitativas, Triviños (1987) afirma que

Esta análise interpretativa apoiar-se-á em três aspectos fundamentais: a) nos resultados alcançados no estudo (respostas dos instrumentos, idéias dos documentos, etc); b) na fundamentação teórica (manejo dos conceitos-chaves das teorias e de outros pontos de vista); c) na experiência pessoal do investigador. (TRIVIÑOS, 1987, p. 173)

Por isso, avalio ser de extrema importância apresentar, separadamente e de maneira mais profunda, as principais reflexões trazidas por essas mulheres ao longo de suas entrevistas. Com foco em suas experiências, darei continuidade, nos itens seguintes, às discussões acerca da coerência docente. Para facilitar a compreensão, dividi o texto em dois momentos: no primeiro, identifico questões pessoais das professoras; já no segundo, realizei uma análise dos relatos das entrevistadas enquanto grupo.

5.1 PERSPECTIVAS DA CONTRARIEDADE

Nessa primeira parte, busco apresentar, através de seus relatos, as cinco professoras que foram entrevistadas, de maneira individual. Expondo

pensamentos e alguns excertos das falas dessas mulheres, pretendo transparecer suas identidades.

Começo pela professora Luane. Ela acredita que a educação deva ser libertadora, que o conhecimento deve partir das/dos estudantes. Apresenta como um de seus princípios “[...] desenvolver a criticidade dos alunos, com respeito à diversidade e contra a discriminação” (LUANE, 2016). Sobre sua relação com a coerência, Luane afirma que consegue alcançá-la em parte, pois nem sempre é fácil. “É uma reflexão diária que se faz, porque às vezes, a gente cai sim nessa contrariedade” (LUANE, 2016). Realmente, é difícil chegar àquilo que não possui um fim, como a busca pela coerência, mas a professora acredita que temos de permanecer abertos à mudança, pois ela deve ser constante.

A professora Ana se apresenta como uma pessoa aflita, em constante conflito com ações que tem de tomar. Sua visão sobre a educação abrange questões muitas vezes esquecidas no espaço escolar. Ela acredita que devemos “Educar para a vida, [...] pra lidar com os sentimentos, com situações do dia a dia, com conflitos, com ansiedade” (ANA, 2016). Quando perguntei sobre sua coerência em sala, ela disse: “Não consigo, é bem difícil. A gente sabe que não é o ideal, que o tradicional não atinge a todos, aí a gente chega lá e não consegue fazer diferente, acaba pegando o pronto” (ANA, 2016). Ana fala muito sobre essa pressão que nos leva ao comodismo nas escolas. Sua atitude para continuar caminhando em direção a coerência é manter o diálogo com as crianças e com os demais professores, trocando experiências e conhecimentos.

Lorelai possui uma percepção mais ampla do conceito de educação. Ela afirma que “[...] todos os espaços educam, a escola é só mais um desses espaços” (LORELAI, 2016). Pensando sobre a sociedade e a família, ela relata sua dificuldade de manter a laicidade na escola onde trabalha atualmente, onde todas as turmas rezam antes das refeições. “Eu tento ser um pouco coerente com o que eu acredito, porque eu acho que existem espaços para isso, instituições religiosas, não a escola” (LORELAI, 2016). Por fim, a professora comenta o fato de não conseguirmos alcançar a coerência plena por

viver em sociedade, com diferentes visões de mundo, opiniões e crenças. “[...] eu percebi que a gente, sozinha, não muda nada” (LORELAI, 2016).

Para a professora Kendra, é essencial que tenhamos consciência de nossa responsabilidade enquanto educadoras. “Tu deve perceber que é responsável pelo processo de ensino-aprendizagem” (KENDRA, 2016). Somos nós que damos, ou não, voz aos estudantes, que entregamos o conhecimento pronto ou o construímos enquanto grupo com nossa turma. Porém, às vezes “Tu acha que é muito revolucionário e te pega praticando algumas coisas que são tradicionais. Mas, pra quem é aberto, vai pensar: será que isso é tão ruim?” (KENDRA, 2016). E é assim que ela pensa que temos de seguir: sempre questionando nossas certezas. Kendra diz que, enquanto professor, tu debes “Estar aberto para refletir tua própria prática e ser crítico de ti mesmo” (KENDRA, 2016).

Estrela acredita que “Educação é respeitar a diferença do outro, o tempo do outro” (ESTRELA, 2016). Por isso, a professora tem, muito presente em seus planejamentos, questões ligadas à diversidade, principalmente étnico-raciais. Ao tratar desse assunto, Estrela relata que “Isso foi muito difícil, me colocar nessa posição que hoje eu estou, pelo fato de que eu também não me enxergava enquanto negra” (ESTRELA, 2016). Por isso, passou a abordar sempre que possível essa temática. E, quando perguntei sobre sua coerência, Estrela foi mais otimista que as outras professoras ao afirmar “Acho que sim, eu tenho coerência. Mas tenho que estudar muito pra continuar” (ESTRELA, 2016).

Esses são apenas alguns dos posicionamentos e pensamentos apresentados pelas professoras durante as entrevistas. Escolhi mostrar o quadro síntese das entrevistas em apêndice, e não no corpo do texto, para permitir ao leitor mais uma aproximação às manifestações de tomada de consciência das entrevistadas, na medida de sua curiosidade. Elucidei pontos específicos das falas das professoras, justamente para que pudéssemos observar como as pessoas, inclusive formadas por uma mesma universidade, raciocinam de maneiras diversas. Influenciadas por suas experiências, pelo

meio, por suas crenças, observemos quantos diferentes assuntos surgiram ao longo das entrevistas. Segundo Ludke e André, isso ocorre

Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33-34)

Essa flexibilidade auxilia no processo de verificar a opinião exclusiva do sujeito, sem questões tendenciosas ou com possibilidades limitadas de resposta. E isso nos leva ao próximo item, onde olho para as entrevistas enquanto conjunto, destacando o que foi comum a todas elas.

5.2 CONSCIÊNCIA DAS INCOERÊNCIAS

Esse é o momento em que, após observar e analisar as falas das colegas de profissão, faço uma apreciação crítica dos traços que me saltaram aos olhos. Apresento, então, duas questões centrais que foram encontradas em todas as entrevistadas, ramificando-se em outros apontamentos, também interessantes, agregados, portanto, à discussão.

O primeiro ponto que destaco é o fato de que todas as professoras assumiram não haver uma coerência completa em sua prática. Algumas até afirmaram sua incoerência utilizando essa palavra deliberadamente, outras apenas indicaram o mesmo, afirmando que precisam 'continuar buscando' a coerência. Cada uma, da sua maneira, possui total noção da necessidade, importância e dificuldade dessa tarefa dentro da sala de aula. Essa é uma das formas de consciência citadas por Iasi. Ocorre quando, fazendo parte (e identificando-se como tal) de um coletivo, a pessoa passa a refletir sua realidade enquanto grupo, nesse caso, grupo de educadoras. Se observarmos atentamente, por meio da fala direcionada às contrariedades vividas em suas experiências, as cinco mulheres admitem sua incoerência. Ou seja, na

experiência docente, identificando-se como pertencente a uma determinada classe, abriu-se espaço para a reflexão. Mas a reflexão permanece na consciência individual, e como suas essências são diferentes, os sujeitos continuam a possuir distintos conhecimentos que transbordam na utilização das palavras. Por isso, é importante definir as escolhas que cada professor faz para melhor conhecê-lo, e só então, poder observar sua aproximação com a coerência.

Coerência que jamais podendo ser absoluta cresce no aprendizado que vamos fazendo pela percepção e constatação das incoerências em que nos surpreendemos. É descobrindo a incoerência em que caímos que, se realmente humildes e comprometidos com sermos coerentes, avançamos no sentido de diminuir a incoerência. (FREIRE, 1993, p. 46)

A questão da contradição como incoerência surgiu em todas as falas: “A gente se depara com as controvérsias” (LUANE, 2016); “Eu acabo pensando em soluções que eu achava totalmente errado fazer” (ANA, 2016); “Apesar de termos nossos princípios, nem tudo a gente consegue colocar em prática” (LORELA, 2016); “Tu acha que é muito revolucionário e te pega praticando algumas coisas que são tradicionais” (KENDRA, 2016); “Pelo fato de que eu também não me enxergava como negra” (ESTRELA, 2016). Isso demonstra que, como seres humanos, todos passamos e continuaremos a passar pela experiência da contrariedade.

E, é exatamente isso que Iasi nos apresenta como transição de uma forma de consciência à outra. Nesse processo é que, todas nós, professoras, nos encontramos com relação à docência. A preocupação que a maioria das entrevistadas demonstra com o ‘não ser tradicional’ já qualifica esse processo. Principalmente a colega Kendra, que avança a reflexão para questionar nossa certeza de que tudo que é dito tradicional deva ser, necessariamente, algo negativo.

Chego, então, à segunda reflexão realizada com a observação das entrevistas: a importância e influência da experiência individual na formação docente. Uma de minhas entrevistadas relata grande mudança em suas

perspectivas de mundo a partir de vivências acadêmicas: “[...] eu também não me enxergava como negra, [...] agradeço muito a essa universidade racista” (ESTRELA, 2016). Outra entrevistada, Luane, apresenta claro envolvimento de seu perfil de professora com professores da universidade que, para ela, eram modelo de coerência. Todas atentam para a incoerência no que as toca. Sendo contra o senso comum e o que é tradicional em nossa sociedade, não posso me permitir, de maneira alguma, realizar aulas tradicionais sem um mínimo de reflexão crítica: “A gente sabe que não é o ideal, que o tradicional não atinge todos” (ANA, 2016). Ou ainda, se defendo uma escola laica não posso permitir que as crianças rezem antes das refeições dentro de uma escola pública: “Eu tento ser um pouco coerente com o que eu acredito, porque eu acho que existem espaços para isso, instituições religiosas, não a escola.” (LORELAI, 2016).

Produzir a reflexão crítica nos alunos “Pra que ele (aluno) reflita sobre aquilo, compare com o que ele já sabia, goste e transforme em conhecimento” (KENDRA, 2016) é tão essencial quanto a reflexão autocrítica. A professora Luane me chamou atenção para a questão do pensar certo, quando Freire diz que devemos estar sempre incertos de nossas certezas, afirmando que “A mudança tem que ser constante” (LUANE, 2016). Por isso, temos de estar sempre dispostos, abertos a novas possibilidades, conceitos, ideias, certezas. Sabemos que “É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças” (FREIRE, 1996, p. 12). E, além dessas mudanças, temos sempre que refletir sobre o papel social da professora e do professor. Sobre nosso impacto sobre as educandas e os educandos. Nosso planejamento e nossos princípios devem ser guiados pelos estudantes, por suas necessidades, pois, tão importante quanto a reflexão autocrítica, é a produção dessa mesma reflexão crítica nas alunas e nos alunos “pra que ele (aluno) reflita sobre aquilo, compare com o que ele já sabia, goste e transforme em conhecimento” (KENDRA, 2016). Nossa vivência na escola deve dialogar com toda a comunidade escolar, pensando sempre, nos estudantes. Por isso, também é indispensável que a professora conscientize o contraditório, que produza transformação em si e no outro, afinal, “a gente sozinha não muda nada” (LORELAI, 2016). E, acredito

que esse “[...] é o nosso papel, ser *problematizador*, fazer pensar.” (KENDRA, 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após tamanha discussão e amplo debate acerca da coerência docente, suas implicações e semelhanças com a utopia, existem algumas poucas questões que merecem destaque. Primeiro, a consciência de que a educação é, essencialmente, política e não há a possibilidade de concebê-la com neutralidade. Toda opção, escolha, preferência ou opinião carrega um posicionamento. E é isso que nos torna seres sociais e políticos. Por isso, “O que temos de fazer, então, enquanto educadoras ou educadores, é aclarar, assumindo a nossa opção, que é política, e sermos coerentes com ela, na prática” (FREIRE, 1989, p. 16). Vimos essa questão ao perceber que as professoras entrevistadas preocupam-se mais com a coerência no que as toca, nas questões que são, nitidamente, bandeiras de suas caminhadas.

Outra questão que cabe ser pontuada é a concepção de consciência. Sempre presente no sujeito, porém, em diferentes formas, compreendendo que a reflexão consciente ocorre no âmbito individual, mas apenas quando há contato com o coletivo. Afinal, não existe mudança de perspectiva, de olhar, ou de comportamento, se o sujeito se mantiver isolado dos demais integrantes da sociedade. Isso me remete à experiência, à necessidade e à importância que o convívio social possui, considerando ainda, que todos os espaços e grupos nos constituem, nos educam. As experiências relatadas nas entrevistas demonstram exatamente essa questão, que cada professora construiu e permanece na construção de seu perfil profissional com base em suas próprias vivências.

A reflexão constante e crítica sobre nossa prática pedagógica é o caminho mais óbvio às mudanças necessárias para que permaneçamos em movimento. Freire afirma que “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p. 24). E são esses cuidados que temos de ter. Não podemos nos permitir acomodação às situações e possíveis problemas que se apresentem. Assim como a docência compartilhada, citada anteriormente no texto, a formação continuada do profissional da educação

reafirma uma necessidade muito presente em nossa área de trabalho. Ainda mais se tratando de educação, que olha para o sujeito como indivíduo único, incompleto e em permanente formação. Por isso, como educadoras e educadores comprometidos, temos de nos manter em constante movimento, refletindo, criticamente, sobre nossa prática e aprimorando nossos estudos e conhecimentos a respeito do *fazer docente*, constitutivo da prática educativa – seja na dimensão teórica, prática ou na transcendente teorização possível.

Quando o assunto é *coerência docente*, existem alguns pontos que devemos ter bem nítidos em nosso entendimento. Não existe professora ou professor que possa se afirmar como coerente, não totalmente. Considerando essa constante busca, movimento, formação, reflexão, compreendo que a professora que sou hoje, posso não ser amanhã, assim como as certezas que tinha ontem, hoje podem ser questionadas. Por isso, me utilizo da frase dita por uma das entrevistadas quando ela afirma: “Não acredito em professor super-herói” (LORELAÍ, 2016). Destaco essa frase por compreender que a professora ou professor que são colocados nesse local, de super-heróis, são, em grande parte, aqueles que possuem algum modo ‘eficaz’ de ensino, gerando resultados. Mas sabemos que a educação não deveria ser medida em pontuações e notas, então como avaliar o professor ou a professora dessa mesma maneira?

Por fim, apresento a reflexão trazida pela professora Luane, novamente, sobre o pensar certo. Quando Freire (1996) nos apresenta esse conceito, ele afirma que pensar certo é, essencialmente, fazer o certo. Conceber esta afirmação e interiorizar esse aprendizado, em minha consciência, já deve implicar no meu movimento em direção ao pensar certo. “E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas” (FREIRE, 1996, p. 29). Ou seja, é indispensável que, para buscar a coerência, não tenhamos verdades absolutas ou certezas inquestionáveis. A abertura à transformação é necessária e o movimento deve ser constante.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Madalena. **Todos aprendemos e construímos conhecimento em grupo**. Pátio Revista Pedagógica, ano III, nº 4, abr/jul. 2004, p. 20-23.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1993.

IASI, Mauro Luis. **Processo de Consciência**. São Paulo: Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro, 1999.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Métodos de coletas de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p. 25-44.

OLIVEIRA, Rosângela Cardoso de. **A experiência da formação na docência compartilhada em EJA**. UFRGS, 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. P. 116-173.

APÊNDICE: QUADRO SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

	ANA	ESTRELA	KENDRA	LORELAI	LUANE
CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO	<p>“Defino educação como tudo. Tu ensinar e a criança aprender, ensinar a ler pra vida, não só decodificar as letras, mas ler situações do cotidiano. É uma forma de educar também.”</p> <p>“Ensinar o que é certo, no sentido ético, porque o que é bom pra um não é bom para os outros.”</p> <p>“Educar para a vida, ...pra lidar com os sentimentos, com situações do dia a dia, com conflitos, com ansiedade.”</p>	<p>“Concepção de educação nos estudos culturais, ...trabalho muito com a questão da diferença.”</p> <p>“Discutir a questão da diversidade, da diferenças e principalmente , as questões étnico-raciais.”</p> <p>“Educação é respeitar a diferença do outro, o tempo do outro.”</p>	<p>“A educação é uma via de mão dupla.”</p> <p>“Ao mesmo tempo em que eu preparo minha aula eu também estou aprendendo.”</p> <p>“Pra que ele (aluno) reflita sobre aquilo, compare com o que ele já sabia, goste e transforme em conhecimento”</p> <p>“Tu deve perceber que é responsável pelo processo de ensino-aprendizagem”</p>	<p>“Tem haver com a troca entre pessoas, que nessa troca acabam aprendendo, não necessariamente com intenção, mas também de forma intencional.”</p> <p>“Relação das pessoas com as coisas e com a natureza.”</p> <p>“Acredito que todos os espaços educam, a escola é só mais um desses espaços.”</p>	<p>“Começando pelos princípios, ...desenvolver a criticidade dos alunos, com respeito à diversidade e contra a discriminação.”</p> <p>“Uma educação libertadora que desenvolva aluno críticos, que tenham capacidade de pensar por si, de questionar.”</p> <p>“Ao mesmo tempo que a gente ensina, a gente aprende.”</p>

<p>PRINCÍPIOS E EXPERIÊNCIAS</p>	<p>“A gente vai pra sala com um monte de princípios, aí tu chega lá com 26 alunos e eu acabo pensando em soluções que eu achava totalmente errado fazer.” “Eu converso bastante com eles, até porque sempre tive dificuldades com o domínio da turma, não sou aquele tipo de professora que chego e os alunos ficam quietos.” “Por mais que a turma seja difícil, não abro mão de levar música, de fazer roda. Nunca vou levar um aluno a passar vergonha, humilhar, deixar mal.”</p>	<p>“Fiz um trabalho com a turma sobre as diferenças, não só raciais, mas de ser alto ou gordo, magro ou baixo.” “Isso foi muito difícil, me colocar nessa posição que hoje eu estou, pelo fato de que eu também não me enxergava como negra.” “Agradeço muito a essa universidade, racista!”</p>	<p>“Acredito muito na interdisciplinaridade.” “Trazer as questões sociais para dentro da sala de aula, independente da idade.” “Acho que, no teu próprio ambiente de trabalho, é importante fazer algumas conscientizações com teus colegas também.” “Acho que é o nosso papel, ser problematizador, fazer pensar.” “Trazer mais do que lápis e papel para a sala de aula.” “Tu acha que é muito revolucionário e te pega praticando algumas coisas que são tradicionais. Mas, pra quem é aberto, vai pensar: será que isso tão ruim?”</p>	<p>“As pessoas já vem com um conhecimento, independente da idade.” “Um princípio que é difícil de manter, não por minha parte, mas por parte da instituição, é a questão da laicidade da educação. Lá na escola é muito comum, todas as turmas rezam, ... e a minha turma é a única que não reza.” “Eu tento ser um pouco coerente com o que eu acredito, porque eu acho que existam espaços para isso, instituições religiosas, não a escola.”</p>	<p>“Nas aulas de seminário, do primeiro semestre, com dois professores que tinha docência compartilhada, ...sempre relacionado ao que a gente estava vivendo no momento, bem aberto.” “Consigo cumprir, mas tem horas que a gente se depara com as controvérsias, ...trabalho na educação infantil, daí tem essa coisa das datas comemorativas.” “É uma reflexão diária, que se faz, porque às vezes a gente cai sim nessa contrariedade”</p>
--	--	---	---	--	--

<p>POSTURA PERANTE A INCOERÊN CIA</p>	<p>“Não consigo, é bem difícil. A gente sabe que não é o ideal, que o tradicional não atinge todos, aí a gente chega lá e não consegue fazer diferente, acaba pegando o pronto.”</p> <p>“A gente não aprende como ensinar.”</p> <p>“Mas é uma angústia, eu desabafo muito com os professores e continuo pesquisando.”</p>	<p>“Lá atrás não, mas hoje eu me considero apropriada.”</p> <p>“Acho que sim, eu tenho coerência. Mas tenho que estudar muito pra continuar.”</p>	<p>“Estar sempre aberto pra trocar, pra aprender. Com os livros, as pessoas, as práticas.”</p> <p>“Estar aberto para refletir a tua própria prática e ser crítico de ti mesmo.”</p> <p>“Gosto muito de exemplos, de trocar, saber o que deu certo e o que não deu.”</p>	<p>“De fato, não é só na escola que a gente vai mudar o mundo.”</p> <p>“Apesar de termos nossos princípios, nem tudo a gente consegue colocar em prática, temos que saber medir”</p> <p>“Mas eu percebi que a gente sozinha não muda nada.”</p> <p>“Não acredito em professor super-herói!”</p> <p>“Outra coisa que é importante é fazer a auto-avaliação.”</p> <p>“Estar sempre pensando, lendo e estudando, pra não deixar a rotina te acomodar.”</p>	<p>“Eu gosto muito de uma fala do Paulo Freire que é sobre o pensar certo, o pensar certo é não pensar demasiadamente certo que está certo.”</p> <p>“Quando tu pensa assim tu não é o dono da verdade.”</p> <p>“Eu acho que é esse o ponto de partida, porque se a gente acredita que pode estar errado, a gente pode rever, repensar e refletir sobre mudar.”</p> <p>“E a mudança tem que ser constante.”</p>
---	--	--	--	--	---